

Série de Verão



● O caminho para lá chegar é um tanto difícil. Não seria uma das praias mais selvagens - e desertas - do Algarve se assim não fosse. Ainda para mais quando o carro pode ficar estacionado mesmo em cima da praia e sem qualquer disputa por lugar.

Mas, até lá chegarmos, vai o coração na boca, balançado pela gincana que fazemos ao volante para fugir de algum buraco mais fundo, de uma pedra mais alta ou trilho arenoso. Não me recordo da última vez que estive na praia do Canal, em Aljezur, mesmo a seguir à Arrifana. Sei que não vinha há uns bons 15 anos. “Dizem que o caminho não está bom.” “O carro não chega lá.” “Tem de ser de jipe.”

Na véspera, os mesmos avisos: “Tem de se deixar o carro cá em cima e fazer o resto a pé.” Desta vez, não damos ouvidos. Metemo-nos pelo caminho que o GPS indica, a passar pelas casas dispersas, transformadas em alojamentos locais, da povoação de Chabouco. Logo se vê. E a verdade é que fomos e viemos sem qualquer percalço. Se um velho Renault Clio consegue, a maioria é capaz de vencer a proeza.

Cá chegados, pés sobre as primeiras pedras, parece que a praia se cris-

talizou na memória que tinha dela. O Canal era uma das minhas praias de infância. Era aquela a que íamos em família uma vez por ano, às vezes menos. A praia onde raramente encontrávamos outra pessoa para além do senhor Joaquim. Parecia um segredo só nosso, uma vivência que mais ninguém tinha.

É que esta não era a praia onde íamos fazer praia. Esta era a única onde íamos que raramente tinha praia - e hoje, parece que a abençoar o regresso, estende-se por um areal deserto a perder de vista, o horizonte escondido atrás de uma neblina mística. Esta era a praia de desenhar nas rochas e de apanhar lapas e burgaus. Para o meu pai, desaparecido para lá das primeiras falésias durante horas, ficava o trabalho de descobrir polvos entre os rochedos, de apanhar mexilhões e ouriços-do-mar. Esta era a praia onde íamos fazer tudo o que não fazíamos nas outras praias.

Aqueles seixos negros ainda pintam em tons de branco, os outros de laranja. Não consigo encontrar os que desenhavam em vermelho. Quando era miúda, era normalmente assim que começavam os dias no Canal. Primeiro, ia à caça dos lápis do



mar. Depois escolhia um dos rochedos maiores e lisos e ficava ali entretida por uns bons minutos a desenhar. Quando me fartava, descia pelos calhaus em passos de equilibrista até junto à beira-mar, onde se formam as poças, e ficava a apanhar lapas e burgaus (búzios do mar) com a minha mãe. O jantar era sempre mariscada - as colheitas do dia enfiadas com pão e manteiga.

Às vezes, compravam-se polvos ou algum peixe ao senhor Joaquim. Um

sargo, um safio, uma das moreias que já estavam a secar no estendal quando chegávamos. O que me impressionava aquele homem: já teria uns 80 anos, a pele enrugada muito queimada pelo sol, magro, rijo e ágil, rude no trato, mas sempre disposto a dois dedos de conversa, uma piada, um cigarro, um copo de vinho. Vivia sozinho nesta casa colada à praia, agora em ruínas. Não sei o que me fascinava mais: se o facto de viver aqui sozinho, tão longe de



tudo, tão perto do lado mais áspero da Costa Vicentina; se o facto de quase todos os dias ir à pesca e de quase todos os dias subir por estes trilhos de bicicleta para ir vender a safra aos restaurantes de Aljezur. Declives acentuados, de terra e pedras, que poucos carros têm coragem de descer e de subir e ele fazia-os todos a pedal.

O senhor Joaquim morreu há dois ou três anos. Tinha 90 e muitos. Na última vez que estive na praia do

O Canal é uma das últimas praias selvagens (e desertas) do Algarve

O acesso pode ser desafiante e, ao contrário da vizinha Arrifana, não tem apoios de praia, restaurantes por perto nem nadador-salvador. Mas é toda só para nós. Quantas vezes se pode dizer isto no Algarve? *Mara Gonçalves (texto) e Rui Gaudêncio (fotos)*





Canal, provavelmente estaria por aqui. Ou já teria desaparecido na sua bicicleta rumo à vila? Não me recorde da última vez que o vi. Hoje voltei e a primeira coisa que vejo é um pescador solitário, de costas, encavalitado sobre as pedras junto ao mar. Senhor Joaquim?

Depois de um passeio pela praia absolutamente deserta (só se deixa ver na maré-baixa) e de um semibanho nas ondas - a água continua fria e batida, como em quase todas as

praias por aqui -, vou ter com o pescador. Chama-se Miguel. Estava outro lá ao fundo que, entretanto, se juntou. É um jovem alemão, Emmanuel. É a primeira vez que vem a Portugal e há três semanas que está por aqui com a mulher e a filha, alojado na casa de outro alemão, creio que a única pessoa que vive actualmente nas imediações da praia. O senhor Miguel está a explicar-lhe em português e por gestos como deve colocar o anzol e o chumbo para não ficar preso entre as rochas. Emmanuel vai acenando e sorrindo, mesmo quando não percebe. Tentamos traduzir o que falta.

Desta vez, não foi uma manhã de pesca proveitosa. Emmanuel não conseguiu apanhar nada e Miguel só traz dois sargos pequeninos. “Podiam ser quatro, mas perdi um agora aqui e outro ali ao fundo.” Estamos todos de saída. Daqui a minutos, à excepção de uma caravana de matrícula espanhola que não chega a dar sinal de gente, a praia do Canal vai voltar a estar absolutamente deserta.

Não sei se vou estar outros 15 anos sem voltar, mas sempre que regressar espero encontrá-la assim, selvagem e imaculada. Uma das únicas que restam no Algarve.

B.I.

Praia do Canal

Aljezur
Praia selvagem de calhau rolado (com areal na maré baixa) inserida no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Não tem equipamento de apoio nem vigilância balnear.
GPS: 37°16'12.79"N 8°51'36.64"W
Temperatura média do ar: 22°C
Temperatura média da água: 18-19°C
Acesso: algo difícil, feito por estradas de terra batida.
Existem três caminhos possíveis: a partir dos Valinhos/Alfambras (mais fácil); pela zona do Chabouco (alternativa para descer, pouco aconselhado para o regresso da praia) - ambos com acesso pela N268; ou a partir da Arrifana (trilho de inclinação muito elevada, pouco aconselhado)



À volta da praia

Praia da Arrifana

Fica imediatamente a norte da praia do Canal, imagem-espelho que reflecte a “pedra da Agulha”, lá ao fundo, agora à esquerda, e que se abre num areal comprido e estreito. É uma das praias mais concorridas da região e uma das quatro em Aljezur com Bandeira Azul. O acesso ao areal é feito por uma rampa inclinada ou por escadas de madeira. É uma das melhores alternativas para quem não estiver para grandes aventuras. É servida de apoio de praia com vigilância, parques de estacionamento, além de restaurantes, bares e unidades de alojamento com vista para o areal e falésias circundantes. Outras praias por perto: Amoreira, Monte Clérigo, Vale Figueiras ou Bordeira.

Monges-guerreiros e vistas panorâmicas

Imaginem-se monges-guerreiros muçulmanos e um convento-fortaleza erguido sobre a ponta de uma atalaia portentosa. À vista, só um Atlântico imenso, uma sucessão de falésias e de praias e a força de todos os elementos. O rugido do vento e das ondas, o sol a pôr-se sobre a água. Seria este o cenário no Ribat da Arrifana, classificado como Monumento Nacional em 2013, o único que se conhece em Portugal e o segundo na Península Ibérica. O complexo, consagrado à oração e à vigilância da costa, terá sido mandado edificar por volta de 1130. Em Julho, foi assinado um protocolo entre o município, o ministério da Cultura, a Universidade Nova de Lisboa e a Fundação Aga Khan para investigar, preservar e divulgar o local, considerado “uma das mais importantes descobertas arqueológicas do século XXI”.

Aljezur

Fundada no século X pelos árabes que então dominavam a região, a vila de Aljezur sobe em anfiteatro pelos cerros até ao castelo, erguido na mesma altura. Ainda hoje, a zona antiga da povoação algarvia apresenta uma traça mourisco-medieval, com muitas das casas feitas em taipa, pequenas e caiadas de branco, que se vão encavalitando pelas ruas estreitas. Apartada do turismo de massas de outro Algarve, tem atraído



MIGUEL MANSO

sobretudo turistas (e novos residentes) à procura de sossego e actividades ligadas à natureza (caminhadas, BTT, surf, entre outros). Com eles, tem nascido também uma oferta cultural e gastronómica alternativa, com restaurantes vegetarianos e centros de ioga.

Trilhos vicentinos

“A Pedra da Agulha vista da praia do Canal, o areal de Vale Figueiras e uma sucessão de montes e vales confirmam o lado mais agreste e inacessível desta região costeira.” Quem o diz são os responsáveis da Rota Vicentina, rede de trilhos pelo parque natural que inclui uma etapa de 24km que se abeira da praia do Canal. São precisas pernas de ferro para subir e descer as falésias desde a Arrifana à Carrapateira, mas promete-se de tudo um pouco: “o poder do mar derramando-se sobre falésias antigas ou sobre tranquilas praias de areia, uma extraordinária biodiversidade de fauna, tranquilos bosques de sobreiros e várzeas cultivadas por homens sem pressa”.

Burros, artes e cavalos

Se preferir uma caminhada mais suave e leve, na companhia de simpáticos burros de carga, pode fazê-lo na quinta de Sofia e Elsa no Vale das Amoreiras, localizado a



4km de Aljezur. É aqui que a dupla se divide no projecto Burros & Artes. Sofia von Mentzingen organiza os passeios pelas “paisagens bravias” da região com os burros da quinta, que podem levar as crianças no dorso ou as bagagens nos alforjes. Sofia Ribeiro traz as artes ao projecto, com *workshops* de olaria e, desde Junho, uma nova loja-oficina na zona histórica de Aljezur.

Surf, surf, surf

“Paraíso dos pescadores, dos surfistas e praticantes de bodyboard”, o difícil é encontrar uma praia nas redondezas onde não batam carneirinhos suficientes para valer a pena molhar a prancha. Abundam lojas de surf, espaços de aluguer de material e alojamentos dedicados à modalidade. A praia de Vale Figueiras foi praticamente adoptada pelos “surf camps”, enquanto as praias da Arrifana e do Amado são aquelas que concentram o maior número de infra-estruturas ligadas ao desporto, com escolas e espaços de aluguer de material. Para kitesurf, experimente a praia da Bordeira.

Terra da batata-doce, do perceve e do sargo

No mercado de Aljezur, pode encontrar dos melhores produtos da região, entre peixes, mariscos, batata-doce ou amendoins. Também não faltam opções para uma refeição fora de casa: o Quiosque Já Disse e o Onda Natural (vegetariano), no Rogil, a Cervejaria do Mar, em Aljezur, o restaurante O Paulo, na Arrifana, ou o Shabouco, no caminho para a praia de Vale Figueiras são boas opções.